

ATLETISMO NA EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL: AS EXPERIÊNCIAS DE UMA PRÁTICA EDUCATIVA

Athletics in children's Physical Education: the experiences of an educational practice

Eliton da Silva Vasconcelos

Universidade do Estado de Minas Gerais¹

Luana Zanotto

Universidade Federal de São Carlos²

Fernando Donizete Alves

Universidade Federal de São Carlos³

Camila Milan Paulo

Prefeitura Municipal de São Carlos-SP⁴

RESUMO

O presente estudo objetivou descrever os processos educativos decorrentes da prática lúdica do atletismo na Educação Física na Educação Infantil. De cunho qualitativo-exploratório, a pesquisa analisou vivências com distintas turmas de crianças com idades entre três e cinco anos em um Centro Municipal de Educação Infantil da cidade de São Carlos/SP, Brasil. A análise dos resultados sustentou-se nos referenciais da pesquisa qualitativa, que possibilitou discutir os conteúdos com o referencial teórico eleito. Os resultados demonstraram a aprendizagem de movimentos básicos da corrida, saltos, arremessos e lançamentos. As crianças apresentaram motivação em conhecer e praticar o esporte de uma maneira lúdica, proporcionando a variabilidade de experimentação da prática. Também houve melhoria no comportamento das crianças, quer dos aspectos motores, quer da socialização. Destacamos a possibilidade de vivenciar a modalidade sem a

¹ Doutor em Ciências Fisiológicas pela Universidade Federal de São Carlos; elitonsvasc@gmail.com; Professor designado na Universidade do Estado de Minas Gerais.

² Mestra; luanazanotto@yahoo.com.br; Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos.

³ Doutor em Educação Escolar; sommer.alves@gmail.com; Professor do Departamento de Educação Física e Motricidade Humana e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos.

⁴ Licenciada em Educação Física; camila.milan.paulo@gmail.com; Professora de Educação Física da rede municipal de ensino da cidade de São Carlos-SP.



necessidade de espaços e materiais sofisticados, assim priorizando os processos de ensino e de aprendizagem dentro das reais possibilidades e limitações da escola.

Palavras-chave: Educação Física; Educação Infantil; Atletismo.

ABSTRACT

The present study aimed to describe the educational processes that result from the experience of athletics in Physical Education in child education. In this qualitative-exploratory research we analyzed the practices performed with children between three and five years old at a Municipal Center of children education located in the city of São Carlos/SP, Brazil. The analysis of the results was based on qualitative research references, which made it possible to discuss the contents with the chosen theoretical framework. The results showed that the children generally learn the basic movements of running, jumping, throwing and launching. The children were motivated to learn and practice the athletics in a playful way, thus providing variability of experimentation of the practice. In addition, there was an improvement in children's behavior regarding the motor aspects and socialization. We highlight the possibility of experience this modality without the need of special spaces and sophisticated materials, thus we prioritize the educational processes of education within its real possibilities and limitations of the school.

Keywords: Physical Education; Child education; Athletics.

INTRODUÇÃO

O atletismo é uma modalidade esportiva disputada pelos homens desde os Jogos Olímpicos da Grécia Antiga e, pelas mulheres, desde os Jogos Olímpicos Modernos, realizados em Amsterdã, em 1928. Segundo Matthiesen (2014), a modalidade se colocou e foi considerada como o esporte-base de todas as modalidades. Isto quer dizer que através de suas exigências e trabalhos motores é possível que os seus praticantes obtenham experiências que os preparem para os desafios cotidianos, assim como, para as vivências das práticas esportivas e demais manifestações da cultura corporal de movimento.

O atletismo assume função de conteúdo clássico da Educação Física por oferecer movimentos considerados o alicerce para a realização de tantos outros. Assim, representa papel importante na formação das crianças em distintas faixas etárias por possibilitar experimentar e aprender gestos e posturas motoras por meio da apropriação de movimentos simplificados. Neste sentido, a corrida, o salto e o arremesso, por exemplo, são afazeres básicos que motivam os alunos, todavia, considerados como descoberta e apropriação para as outras modalidades (OLIVEIRA, 2006).



Apesar da importância constatada, o atletismo é timidamente divulgado e praticado pelas crianças pequenas. Em alguns contextos escolares ele ainda é deixado em segundo plano pelos professores, acarretando prejuízo em termos de contato inicial no conhecimento deste esporte, bem como das suas possibilidades educativo-pedagógicas. Em via de regras, tal ausência é justificada pelas dificuldades de espaço físico e de acesso ao material específico ou pelo desinteresse de professores e alunos para com o seu processo de ensino e de aprendizagem (MATTHIESEN, 2014). Segundo Kunz (1998), ainda é predileção entre os alunos jogar e brincar com bolas do que saltar em altura, distância ou arremessar.

A Educação Física como componente curricular assume parcela primordial em contemplar o movimento como expressão corporal em âmbito escolar, nas diferentes manifestações esportivas, ginásticas, rítmicas, lutas, dos jogos e brincadeiras. Neste sentido, o contraponto está em diversificar os objetivos e conteúdos das unidades didáticas, inclusive no contato inicial com a Educação Física na Educação Infantil, principalmente no âmbito do movimento como linguagem humana.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) temos:

O movimento para a criança pequena significa muito mais do que mexer partes do corpo ou deslocar-se no espaço. A criança se expressa e se comunica por meio dos gestos e das mímicas faciais e interage utilizando fortemente o apoio do corpo. A dimensão corporal integra-se ao conjunto da atividade da criança. O ato motor faz-se presente em suas funções expressiva, instrumental ou de sustentação às posturas e aos gestos (BRASIL, 1998, p. 18).

Por isso, também acreditamos nas possibilidades do atletismo como manifestação aglutinadora de saberes para o desenvolvimento infantil, por proporcionar a variabilidade de movimento, dotada de intenção e expressão, para além de contribuir para a ampliação do repertório de brincadeiras, fazendo com que as crianças vivenciem novas experiências.

Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, jan./jul. 2019, p. 126-141.

Recebido em: 20/05/2019

Publicado em: 19/08/2019

Ainda que o atletismo vislumbre modalidades realizadas individualmente, ao adaptar as atividades para grupos de crianças pequenas é possível trabalhar a socialização, cooperação, relevando que tal relação é fundamental para a realização de um trabalho de qualidade na Educação Infantil. Isto quer dizer que a prática desperta a aquisição de outros conhecimentos, por meio de atitudes que configuram o processo educativo neste nível de ensino, com característica não disciplinares, ou seja, em instâncias articuladas entre si.

Com isso, a Educação Física na Educação Infantil não pode se basear no modelo escolar tradicional que tem o caráter disciplinar como principal eixo. Em acordo com Sayão (2002), as propostas bem planejadas e adaptadas ao contexto escolar, aplicadas de uma maneira lúdica e sempre se preocupando com a segurança, são atividades que irão trazer várias experiências para a formação integral das crianças.

Dada a escassez na literatura de produções que tangenciam o atletismo na Educação Infantil, principalmente os aspectos teórico-práticos para abordar a modalidade já no período da infância, o objetivo do presente estudo foi descrever os processos educativos decorrentes da vivência do atletismo na Educação Física na Educação Infantil.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo, de natureza exploratória, sedimentado na pesquisa de campo, foi realizado em um Centro Municipal de Educação Infantil (CEMEI) pertencente ao município de São Carlos/SP, Brasil. Contou com a participação de crianças da fase quatro a fase seis da Educação Infantil com idade entre três a cinco anos, compondo, aproximadamente, vinte crianças por turma, e a respectiva professora de Educação Física do CEMEI.

As observações participantes, planejamentos e proposições das atividades foram realizados ao longo do período de dois meses, na frequência de duas vezes por semana – também para o cômputo das horas de realização de Estágio Supervisionado, o que resultou em um relatório final apresentado ao componente de

Estágio Curricular 1: Educação Infantil do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). A referida disciplina “vislumbra conhecimentos teóricos e práticos necessários à formação e à atuação nos anos iniciais do ensino fundamental na educação básica, na inserção em escolas e, como objetivo geral, trata de possibilitar ao educando vivências em condições reais do contexto escolar” (ZANOTTO; ALVES, 2017, p. 67).

No que tange o trato pedagógico do atletismo, foram contempladas seis modalidades: corrida de revezamento, salto em distância e em altura, arremesso de peso, corrida com barreiras e arremesso de dardo. Todas planejadas anteriormente ao momento de aula e desenvolvidas na quadra da escola.

Foram realizadas descrições extensas em diários de aula (ZABALZA, 2004), identificando os aspectos da escrita como operação que supõe re-codificar a experiência narrada, de modo a expressar as vivências e as ideias correlatas. Assim, predominaram a dimensão da realidade nos diários, isto é, a descrição do que foi feito com narrações objetivas de como as ações aconteceram no conjunto de aulas analisadas. A análise e discussão do *corpus* do estudo possibilitou organizar os dados em acordo com as modalidades trabalhadas e revelar conteúdos presentes no trato com cada uma e, em seguida, discuti-las à luz da teoria, conforme proposto por Minayo (1998).

Salientamos que foram respeitados todos os cuidados éticos no que se refere ao consentimento de participação das crianças e da professora, e à confidencialidade dos dados obtidos em inserção de estágio na instituição escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao contemplar seis atividades do atletismo de uma maneira lúdica, foi possível tornar as vivências atrativas às crianças e proporcionar amplitude das experiências motoras. Considerando que um dos objetivos da Educação Infantil é promover o desenvolvimento da criança em sua totalidade, contribuindo para a construção da sua identidade e autonomia (relevando o brincar como direito e linguagem própria da infância), delegamos indispensável o emprego do caráter lúdico nas atividades, eleito para organizar intencionalmente a prática de acordo com as especificidades das linguagens infantis.

Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, jan./jul. 2019, p. 126-141.

Recebido em: 20/05/2019

Publicado em: 19/08/2019



Referindo-se à obra “Memórias Inventadas” do poeta Manoel de Barros (BARROS, 2008), Borba (2006, p. 46) expõe que foi a partir do brincar como atividade que o referido poeta passou “a ver o mundo de forma diferente, a criar uma relação de intimidade com a natureza e as coisas, a ver a realidade de outros modos, ultrapassando o imediato (...)”. Isto quer dizer que o campo lúdico trata de um riquíssimo espaço de aprendizagem e desenvolvimento humano, uma vez que “a atividade lúdica mobiliza o desejo inconsciente e o transforma em desejo de saber, em curiosidade investigativa, em criatividade; elementos empregados na construção de conhecimento” (SOMMERHALDER; ALVES, 2010, p. 150).

Nesta direção, consideramos as manifestações de caráter lúdico como linguagem humana privilegiada de expressão da criança, acreditando na potencialidade do atletismo como espaço e tempo de experimentação, aprendizagens e de desenvolvimento de processos educativos relacionados à cultura corporal de movimento.

Calcados em tais concepções, o início das aulas foi marcado pela formação de uma roda de conversa sobre o contexto histórico da modalidade, momento em que perguntamos às crianças sobre os seus conhecimentos prévios e demais saberes acerca do tema. Em seguida, fornecemos uma breve explicação sobre as conjunturas atuais da modalidade e, antes de iniciarem as vivências, mostramos fotos e vídeos de atletas, bem como algumas animações e personagens infantis. A partir da apreciação do material audiovisual e do diálogo em roda, explicamos como as atividades seriam desenvolvidas, atentos se todas as crianças haviam compreendido as explicações anteriores.

O TRATO COM AS MODALIDADES: PROCESSOS EDUCATIVOS EM CONSTRUÇÃO

Corrida de revezamento

Oficialmente esta modalidade é realizada por apenas uma equipe, mas pode ser feita com duas ou mais, criando certo modo de competição entre as equipes e de cooperação dentro delas. Para fins organizacionais, as crianças foram divididas em grupo e se organizaram na lateral da quadra, sendo que três espaços foram

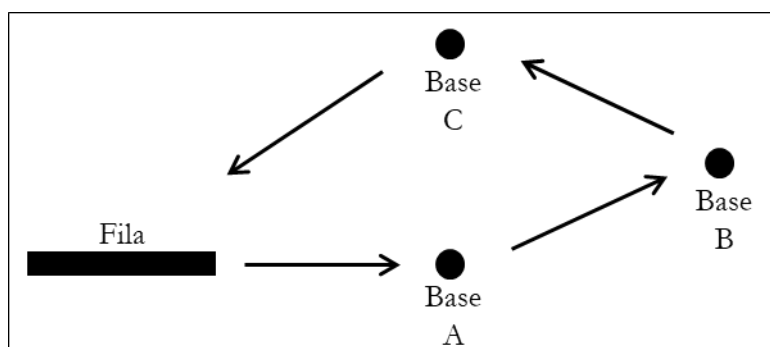


sinalizados com cones com distâncias iguais entre si, formando a figura de um triângulo, chamadas de bases A, B e C.

Com um bastão em mãos (no dado contexto foi utilizado um tubo de linha vazio), a primeira criança corria em direção a outra na base mais próxima (base A), passando o bastão para ela. Deste modo, permanecia na base até o colega chegar para receber o bastão e iniciar a corrida em direção à base B. Ao passar o bastão para a criança que se encontrava nesta base, a mesma deveria permanecer no local.

A criança que estava na base B levava o bastão para a base C, permanecendo neste lugar, enquanto a que recebeu o bastão deveria correr até o primeiro colega, reiniciando a trajetória. Na seguinte figura ilustramos a explicação da dinâmica estruturada a partir da disposição em quadra:

Figura 1. Trajeto percorrido durante a atividade de corrida de revezamento



Fonte: elaborado pelos autores.

Observamos que a corrida de revezamento além de desenvolver diversas capacidades físicas, possui como um dos principais objetivos a socialização entre as crianças. Dorst e Bourscheid (2010) e Becker (2012) afirmam que ao praticar o atletismo não importa se o participante é menino ou menina, pobre ou rico, branco ou negro, na prática, todas possuem o mesmo tratamento.

Ao longo da realização da atividade houve o incentivo dos colegas aos que estavam realizando a corrida, principalmente com os dizeres: “*mais rápido*”, “*corre*”, enquanto alguns pronunciavam o nome do colega. Os alunos da fase quatro, no início, confundiram-se com o trajeto, situação em que alguns saíam da base A e

corriam para a base C, ou as crianças que estavam na base B voltavam para o final da fila. Porém, a partir da terceira vez da realização do percurso, aconteceu apenas um engano e, por fim, na quarta tentativa, ocorreu o aprendizado das regras da atividade.

Já com os alunos da fase cinco e seis, observamos que o aprendizado foi mais rápido, havendo poucos erros de percurso nas primeiras tentativas e, a partir da segunda vez, observamos a ausência de enganos na realização do trajeto. Com isso, temos que o atletismo na Educação Infantil é capaz de oferecer um conjunto de experiências motoras de forma lúdica, porém com práticas concretas, além de trabalhar a socialização da criança (MAGNO; MENDONÇA; MENDONÇA, 2011).

Barbosa (2013) afirma que para a prática não é necessário uma pista de atletismo e de materiais oficiais, o mesmo objetivo pode ser alcançado por meio da ludicidade e em diversos locais, sendo realizadas na quadra, em gramados, em espaços com areia ou até mesmo na sala de aula através de jogos de adivinhações, desenhos, mímicas, entre outros. Neste âmbito, consideramos que a quadra do CEMEI foi adequada para a realização da prática, sendo um espaço familiar para as crianças, o que colaborou à aceitação e a realização bem sucedida das brincadeiras.

O que colocamos em voga é a questão sobre defender que “o professor deve lançar mão da criatividade para realizar adaptações do espaço físico, bem como à criação de materiais de acordo com a realidade de cada escola” (MATTHIESEN; SILVA; SILVA, 2008, p. 43). Para tanto, a utilização e, até mesmo a confecção de materiais alternativos para suprir a falta de materiais oficiais, foi uma forma promissora para suprir a carência, além de ser resignificada em atividades que podem ser realizadas pelas crianças.

Salto em distância e salto em altura

Nestas atividades as crianças formaram dois grupos há cerca de cinco metros de distância do local de realização do salto, que foi demarcado por dois cones e fita crepe ao chão entre eles, sinalizando o local do início. Elas deveriam correr até o local demarcado (a corrida correspondeu à fase de aproximação, utilizada apenas para ampliar o impulso do salto) e realizar o salto. Assim, ao chegarem próximo ao local demarcado, as crianças realizavam saltos em projeção horizontal, sendo que



todos foram realizados de modo livre, sem restrição quanto à forma do impulso (em um ou dois pés) ou quanto aos movimentos dos braços ou regras das provas oficiais.

Em outras palavras, a nossa preocupação não esteve em fornecer técnicas à realização do salto, mas sim em incentivar a experimentação de expressões do salto de acordo com o modo como este foi arbitrariamente significado pela criança. De acordo com os princípios da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018, p. 220), a experimentação, como dimensão do conhecimento, para além de ofertar acesso à experiência, busca “cuidar para que as sensações geradas no momento da realização de uma determinada vivência sejam positivas ou, pelo menos, não sejam desagradáveis a ponto de gerar rejeição à prática em si”. Assim, quando a criança é incentivada a agir segundo a sua compreensão, ela elabora as possibilidades expressivas do movimento, ao mesmo tempo em que se diverte e tange a experimentação da prática, tal como desejável neste nível de ensino.

No salto em altura, por sua vez, igualmente lançamos mão da organização em grupos, com o intuito de proporcionar a realização por alguns e aguardo de outros. Novamente sinalizamos o obstáculo a ser transposto com dois cones e uma corda elástica presa próxima ao ápice do cone, certificando-nos de que a altura do elástico era compatível ao tamanho das crianças. Em seguida ao local sinalizado para o salto havia um colchonete macio para a absorção do impacto.

Na mesma dinâmica de mediação, duas crianças por vez realizava o salto, sendo que este movimento foi livre e sem demarcação de gestos técnicos. Observamos que o estilo tesoura foi o mais utilizado, especialmente pelas crianças das fases quatro, o que, consoante Matthiesen (2014), pode ser compreendido como o estilo mais simples e também o mais utilizado na aprendizagem e na iniciação esportiva do salto em altura.

A altura do elástico foi ajustada de acordo com as fases, ajustando a mais baixa para a fase quatro e a mais alta para a fase seis, dada a estatura geral das crianças. As alturas estabelecidas variaram de 15 cm a 22 cm, cientes de que um grau de desafio seria ofertado aos saltos, mas ainda assim tornando-o possível. Na medida em que as crianças ganhavam confiança e aprimoravam a aprendizagem,

Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, jan./jul. 2019, p. 126-141.

Recebido em: 20/05/2019

Publicado em: 19/08/2019

fazíamos uma pausa na prática para conversar sobre a transposição da altura, explicando que, por isso, a altura do elástico seria ajustada para oferecer novos estímulos, todavia, zelando pela integralidade física das crianças.

Nas atividades foi possível observar a melhora no aprendizado motor e, conseqüentemente, da confiança durante os saltos, por isso, fomos aumentando a altura do elástico e o grau de desafio.

Arremesso de peso

A mesma marcação com os cones e a fita utilizada nos saltos foi reaproveitada no arremesso de peso e no lançamento de dardo. No entanto, para o arremesso de peso organizamos a posição estacionária, sem deslocamento. Assim, foram formados dois grupos dispostos em fileiras e paralelas entre si. Foram utilizadas bolas de borracha representando o peso. Novamente, incentivamos o arremesso arbitrário, podendo a criança utilizar a mão direita, a mão esquerda ou até mesmo as duas mãos de uma única vez. O objetivo consistia em tentar arremessar o mais distante possível.

Durante a prática foi possível observar que a maioria utilizou as duas mãos e todos realizaram o arremesso de uma posição estacionária. De modo geral, as crianças conseguiram arremessar a bola e houve um incentivo dos colegas para que o arremesso fosse realizado cada vez com mais força e mais distante, havendo assim um grande estímulo por todos. Também houve competição entre eles, especialmente com os alunos da fase seis, situações em que alguns diziam ter feito o arremesso mais longe de todos. Porém, em nenhum momento enfatizamos a existência de um “campeão”, e sim parabenizávamos pelo aprendizado da prática.

Destarte, para que a ação docente se configure em atividades planejadas com diferentes objetivos, o professor deve adaptar espaços físicos e materiais pedagógicos, estudar a vivência do arremesso de peso de modo aplicável ao contexto infantil para viabilizar diálogo com outras instâncias do movimento corporal. Além disso, o professor deve fazer uso de uma linguagem adequada à criança, oportunizando experiências motoras articuladas entre si e que promovam sentidos e significados às suas ações, tais quais as exigidas no movimento de arremesso.

Lançamento de dardo

No lançamento de dardo foi utilizado um cabo de vassoura em tamanho menor do que o cabo convencional, em torno de 70 cm. O mesmo foi revestido com uma borracha das câmaras de ar de pneus de carro inutilizáveis, para aumentar a segurança e evitar barulho ao cair no chão, já que havia salas de aula ao lado da quadra.

As crianças iniciaram a atividade em uma posição estacionária e, conforme percebíamos o avanço dos movimentos, incentivávamos a uma corrida de aproximação curta, conjugada com o lançamento do dardo. Todas as crianças foram orientadas com relação à empunhadura do dardo, garantindo assim uma maior estabilidade no lançamento.

Consideramos viável a vivência do lançamento de dardo na Educação Infantil desde que sejam feitas cuidadosas adaptações nos materiais e regras. Sendo assim, a modalidade foi trabalhada de uma maneira reconfigurada e coerente à realidade infantil. Isto quer dizer que pode ser ofertada sem a necessidade de espaços e materiais sofisticados, já que de acordo com a nossa experiência, pôde ser adaptada ao meio, ao número de participantes e aos materiais confeccionados, de modo a oferecer oportunidades concretas de vivência no esporte.

O uso do cabo de vassoura encurtado e revestido por uma borracha provocou demasiada curiosidade nas crianças, despertando o interesse pela prática, por vezes, pelo simples fato de poder manipular um objetivo diferente e criar outros modos para brincar com ele. Ao mesmo tempo, proporcionou a diversidade de experimentação das habilidades motoras, tais como segurar o material com apenas uma das mãos, locomover-se e equilibrar-se com ele, arremessá-lo, etc..

Remetendo à falta de recursos materiais para trabalhar o lançamento, acrescido pela falta de conhecimento de um determinado tema ou assunto, tais peculiaridades devem ser interpretadas como dilemas temporários, tendo em vista que as crianças não devem ser privadas de acesso ao conteúdo em virtude das lacunas formativas do professor para abordar o tema. Nesta direção, ressaltamos que correr, saltar, lançar e arremessar foram habilidades propostas como

Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, jan./jul. 2019, p. 126-141.

Recebido em: 20/05/2019

Publicado em: 19/08/2019

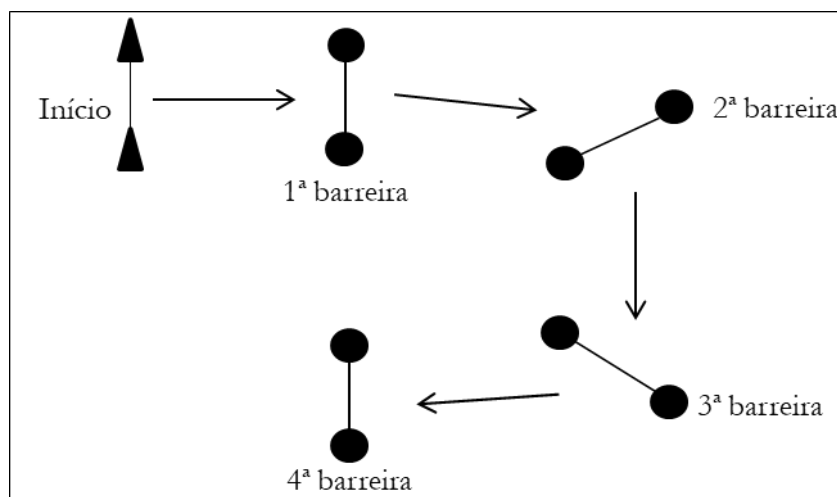
possibilidades pedagógicas para um "se-movimentar" atrativo, prazeroso e com significados individuais e coletivos demonstrados pelas crianças (KUNZ, 1998).

Corrida com barreiras

Para a corrida com barreiras foi formado apenas um grupo para organização da prática. As barreiras foram organizadas com o kit da linha Movimento®, constituído por um conjunto de atividades para práticas esportivas, gincanas e competições. O referido material já fazia parte do acervo de materiais pedagógicos do CEMEI, contudo, outros materiais podem ser utilizados para formar as barreiras, tais como cones com elásticos, caixas de papelão ou até mesmo confecções de garrafas *pet* e fita adesiva (MARQUES; IORA, 2009).

Os alunos iniciaram a corrida no local marcado pelos cones e a fita adesiva no chão, no percurso demarcado por quatro barreiras em formato da letra "U". No início foi utilizada uma determinada altura para que as crianças se familiarizassem com a brincadeira. Em seguida, a altura foi ajustada de acordo com as estruturas e com o nível de habilidade demonstrada, criando um novo desafio a ser cumprido. A figura 2 ilustra a configuração:

Figura 2. Trajeto percorrido durante a atividade de corrida com barreiras



Fonte: elaborado pelos autores.

Inicialmente, as crianças paravam em frente ao obstáculo, realizando o salto de uma posição estacionária, isso ocorreu principalmente com as crianças da fase quatro. Porém, após a realização de algumas tentativas elas foram adquirindo confiança e todos realizaram os saltos correndo.

Com as crianças desta fase a atividade iniciou com a altura no ajuste mais baixo (5 cm). Em seguida, eles percorrerem o trajeto duas vezes, logo em seguida, a barreira foi ajustada (14 cm). Com os alunos das fases cinco e seis iniciamos no segundo ajuste e acabamos no terceiro (23 cm). Durante toda a prática os alunos que estavam assistindo também incentivavam a trajetória realizada pelos colegas.

A discussão acerca dos resultados observados na prática desta modalidade confirma a possibilidade de trabalhar o atletismo na Educação Infantil não apenas no tradicional viés da manifestação esportiva, mas por meio dos aspectos lúdicos, viabilizando processos educativos dos gestos empregados no salto, no arremesso, na corrida e no lançamento, bem como a socialização em equipe. Com isso, concordamos com Moyles (2002), ao afirmar que o atletismo abordado de forma lúdica proporciona a participação de todos, independentemente do seu atual estágio de desenvolvimento motor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado o objetivo deste relato em descrever os processos educativos decorrentes da vivência do atletismo na Educação Física na Educação Infantil, consideramos a modalidade como possibilidade para desencadear processos de aprendizagem dos movimentos básicos de corrida, saltos, arremessos e lançamentos com crianças pequenas.

No que tange o olhar para os processos educativos, as turmas apresentaram motivação em conhecer e praticar o atletismo de modo brincante, proporcionando a variabilidade de experimentação da prática. Conquistas foram observadas em termos de socialização, especialmente nas vivências de corrida de revezamento e de salto em altura, que pressupunham o trabalho em equipe ou em duplas. Logros também foram verificados na aprendizagem motora. Tais constatações advêm da observação atenta dos gestos realizados pelas crianças ao longo dos dois meses de proposição da prática.

Destacamos a oportunidade de contemplar a modalidade sem a necessidade de espaços e materiais sofisticados e, assim, consideramos que neste estudo foram

priorizados os processos de ensino e de aprendizagem dentro das possibilidades e limitações do CEMEI.

O planejamento e proposição das atividades indicaram que o professor interessado no trato pedagógico do atletismo deve se esforçar para realizar ações que relacionem os aspectos específicos da modalidade com os princípios do movimento explanado como eixo norteador da Educação Infantil pelo RCNEI (BRASIL, 1998). Diversificar as aulas de Educação Física Infantil é fundamental para que as crianças experimentem diferentes movimentos e explorem e recriem brincadeiras, todavia desencadeando processos de ensinar e de aprender. Da diversidade de temas pensados para a Educação Infantil surgem ideias para novas criações, as quais possibilitaram ampliar o contato com novas representações sociais e culturais.

Por sua variabilidade de movimentos, a prática do atletismo foi viável para as crianças explorarem o conhecimento das capacidades físicas e habilidades motoras e, a partir delas, poder vivenciar outras formas de expressões esportivas e corporais ao longo da vida.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Raquel Firmino Magalhães. Atletismo na escola: uma possibilidade lúdica. **EFDeportes**. Revista Digital, Buenos Aires, 2013. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd187/atletismo-na-escola-uma-possibilidade-ludica.htm>> Acesso em: 20 jul. 2018.

BARROS, Manoel. **Memórias Inventadas**: as infâncias de Manoel de Barros/ Iluminuras de Martha Barros. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.

BECKER, Fernanda. **Atletismo um esporte da escola nas séries finais do ensino fundamental**. 2012. 62 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Faculdade de Educação Física, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2012.

BORBA, Ângela Meyer. **A brincadeira como experiência de cultura na educação infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2006 (Periódico do MEC- Publicação SEB).

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf>. Acesso em: 10 out. 2018.



BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Proposta preliminar. Versão final. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf> Acesso em: 20 jun. 2018.

DORST, Lissandro Moisés; BOURSCHEID, Débora Goulart. Atletismo na escola. In: AWAD, Hani (Org.). **Educação Física Escolar: Múltiplos Caminhos**. Jundiaí-SP: Fontoura, 2010.

KUNZ, Elenor. **Didática da Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 1998.

MAGNO, Carlos; MENDONÇA, Eleiana; MENDONÇA, Marco. O atletismo como recurso metodológico no ensino infantil. **EFDeportes**, Revista Digital. Buenos Aires, v.16, n.159, 2011. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd159/o-atletismo-como-recurso-metodologico.htm>. Acesso em: 05 out. 2018.

MARQUES, Carmén Lucia Silva da.; IORA, Jacob Alfredo. Atletismo Escolar: possibilidades e estratégias de objetivo, conteúdo e método em aulas de Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 02, p. 103-118, abr./jun., 2009. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/3078/5137>>. Acesso em: 05 out. 2018.

MATTHIESEN, Sara Quenzer. **Atletismo na escola**. Maringá: Eduem, 2014.

MATTHIESEN, Sara Quenzer; SILVA, Mellissa Fernanda Gomes da; SILVA, Augusto César Lima e. Atletismo na escola. **Motriz**, Rio Claro, v. 14, n.1, p.96-104, jan./mar. 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277798690_Athletics_at_school. Acesso em: 18 nov. 2018.

MINAYO, Maria Cecília Souza de. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

MOYLES, Janet. **Só brincar? O papel do brincar na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

OLIVEIRA, Maria Cecília Mariano de. **Atletismo Escolar: uma proposta de ensino na educação infantil**. Rio de Janeiro: Sprint, 2006.

SAYÃO, Deborah Thomé. Corpo e movimento: notas para problematizar algumas questões relacionadas à educação infantil e à Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 23, n. 2, p. 55-67, jan. 2002. Disponível em: http://portfolio.unisinos.br/OA12/pdf/debora_artigo.pdf. Acesso em: 10 jul. 2018.

SOMMERHALDER, Aline; ALVES, Fernando Donizete. Lúdico, infância e educação escolar: (des)encontros. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 4, n. 2, nov. 2010. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/viewFile/100/90>. Acesso em: 01 jul. 2019.

Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, jan./jul. 2019, p. 126-141.

Recebido em: 20/05/2019

Publicado em: 19/08/2019



ZABALZA, Miguel. **Diários de aula**: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ZANOTTO, Luana; ALVES, Fernando Donizete. O início da docência no ensino superior: um estudo em um curso de educação física. **Revista Docência Ensino Superior**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 63-78, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://seer.ufmg.br/index.php/rdes/article/view/4492>. Acesso em: 10 jun. 2018.

